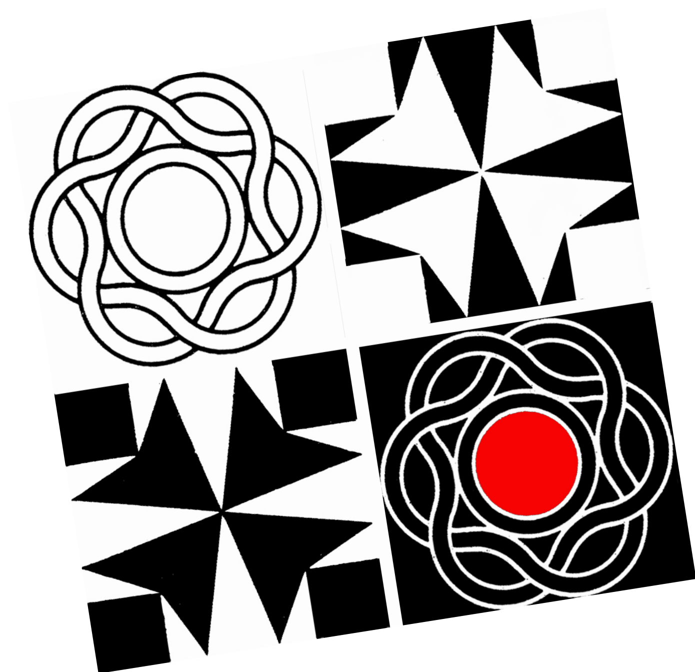
ESPELHO ABSOLUTO



Antonio Romane

Antonio

ESPELHO ABSOLUTO

primeira edição

João Scortecci Editora

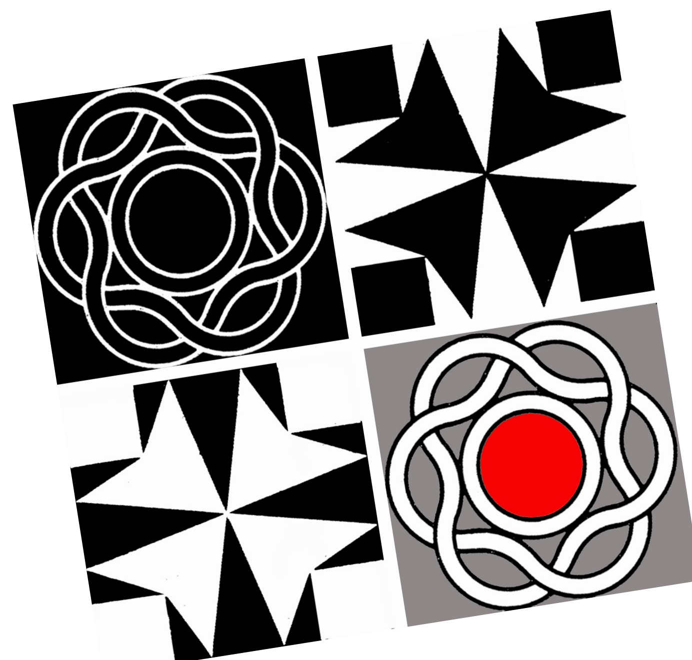
1992

*

segunda edição

pelo Autor

2016





ETERNO

Nada disto é definitivo,
nada é definitivo.
Nada houvesse
quem sabe seria ele
o nada definido?
O definido nada,
quem sabe?
Quem sabe
o nada?

ASSIM É, SE NOS PARECE

A tarde persegue a poesia
estorvando
                estonteando
                                esgarçando o dia.
A tarde prossegue ao poeta
espaçando
                esgarrando
                                estazando o poema
para entregar à noite
de mãos beijadas
solidão ou alegria.

PELE

Amigas acariciam gatos
com os olhos — maciez verão:
mãos de veludo,
lúdicas amigas
que não sabem
de um trigal na Lua,
álgida lua.

E não sabem as amigas
da mais leve mão
que do veludo goza.

CONFORTO

No côncavo das mãos a convexidade do seios,
quando a noite se tece de improvisos.
A clepsidra, matriz do ócio maravilhoso
livre dos meus olhos. O cheiro, longe dos
vagalumes e das estátuas, está no nariz,
não na cola, papel e tinta: livro. Sonho.
O hierático amor no altar da solidão: *parla*!

PEDRAS

Decompor as palavras desta carta
e
ajustá-las nos desvãos da memória.
A saudade
(inusual em dias
de sacralizar a angústia)
não comporta todo o tempo
e
este peso
é em mim, aqui,
não nos objetos / vida espaçada.

Retina e ansiedade.

O prazer destas palavras
ditadas pela amiga
está em si:
degustadas, cimentam
as pedras do solilóquio.

RUAZUL

Vamos por ali, Célia,
pr’essa rua onde os pardais voejam
sem saber do jamais.

MAIO

Há seca no Sul e no mar:
descalços os homens e os peixes nus
diante da fábula.
Há seca no mínimo território
da sombra das aves e das casas,
dos frutos natimortos
e do coração dos

AMORES

Grandiosos pequenos amores
sob a guarda do bondoso olhar
do segredo.
Iridescentes amores,
a multidão passa ao largo.

A CIDADE, ASSIM SEJA

Toda rua termina,
o céu começa na terra.
Cidade, benfazeja cidade,
seja o sepulcro de todos os males,
da paródia,
do açoite:
da necessária paródia,
do necessário açoite,
dos males necessários
seja a cidade o sepulcro.
Da cruz do homem
seja a cidade o sepulcro,
seja o sepulcro do medo,
da fome e da ira
seja a cidade o sepulcro,
da sede e da falta de sonho
e do sonho
seja a cidade o sepulcro.
Seja a cidade o sepulcro
dos carreiristas
e dos arrivistas daqui e dalém
(que soem sinos!)
seja a cidade o sepulcro dos deuses,
seja a cidade sepulcro.

CONSOLATRIX

Faremos um caos na praça,
nesta praça de verde grama
onde estão mapeados prantos e espantos.
Nesta praça onde se instala o caos
os cavalos não pastam,
que para eles há pasto.
Nesta praça ou em Parnaso
os homens não choram,
que lhes há apartamentos.

MARXIANA

Pombas paulistanas, ai,
tristes voos pra quem vos quer?
Resistir! Resistir! Resistir!

Não sabem, mas fazem.

JUNHO

Toalha branca sobre a mesa
e meus caros espíritos olhando
de soslaio.
Dou de ombros
e sorvo a sopa.

MARINHA

Paixão,
acaso.
Espuma contínua,
hipocampos
(rumor pressentido)
ocaso.

E o recomeçar
perceptível a todos os sentidos.
Acaso a paixão?

UMA ABELHA NA CHUVA
(Carlos de Oliveira)

Havia um galo na chuva.
(há uma abelha na chuva)
Havia uma noiva na madrugada.
(há uma abelha na chuva)
Havia até mesmo luar
e ainda havia sonho de manhã
e agora, uma abelha na chuva.

Responda, ó contida alegria vespertina:
(crispam-se as águas empoçadas)
para onde vão os cães quando apressados?
(espelhos absolutos)
Respondam, cirandas de bem-querer:
(cirandas)
por que os amores se vão e não vão embora?

ESPELHO ABSOLUTO
(o reverso)

Não se crispa o espelho
em sua dureza,
em sua absoluta indiferença,
a noite o galo
a noiva a madrugada
o luar
a manhã o sonho
a abelha na chuva.
(Por que os amores se vão embora?)
(Para onde os cães apressados?)

ESPELHO NO ESPELHO

Voo,
deixo a sombra — luz!
Demônio redimido no seio da vida
busco a ausência de agonia.
A sombra não se afasta:
voa também,
sorri
(nós, de passagem pelo universo)
sorri automaticamente
— soldado do medo:
Morte! Morte! Morte!

Acordo
cismando, até que me levanto.
Voo,
deixo a sombra — luz!
Demônio redimido no seio a vida
busca a ausência de agonia.
A sombra não se afasta.

Morte! Morte! Morte!
— soldado do medo:
sorri automaticamente
(nós, de passagem pelo universo)
sorri,
voa também.
A sombra não se afasta:
busca a ausência de agonia.
Demônio redimido no seio da vida
deixo a sombra — luz!
Voo.

CONVERSA DE BOTEQUIM

— E então?
— Desde então não nasci outra vez.
Desde agora, pois,
não me obrigo a morrer em vão
e para sempre.

CANÇONETA

Que teria esta canção
que estando tão longe
por perto também andaria
de utopia.

Quem sonha
aqui e agora?.
Que o sonho sonhado
acordado
se faça mais intenso!

Que seria desta canção
que por voz tão aqui
por mim sempre correria:
alegria
alegoria.

Quem sonha tão acordado?
Que esta não lhe inspire cuidados.

ESTRELA DE AMANHÃ

“Estio nesta estada desventurosa,
implacável estrela de amanhã.
rosa, bicho, coisa, dádiva”,
dizia o bêbado
zombando de passadas vidas.

JANEIRO

Varemos o cu da madrugada
desta falsa magra paulistana,
magra falsa, mãe de tantos,
safra de quantos defuntos.

OUTRA CIRANDA

Não posso dizer
rubis de Pegu
diamantes de Narsinga
safiras de Ceilão
esmeraldas da Babilônia
sedas persas,
porque sou pobre vocabulário.
E quem me diz
(lembro?)
PIB PNB revolução
o moderno
o pós-moderno
capitalismno triunfante
o outro eu.
E lembro, pobre vocabulário:
    se se não na História
    só nos vale uma vida sem poréns.

Ah, o perfume que vinha daquelas

DE REPENTE
o verso

Não.
O impulso não é
suficente
para escrever
um poema.
E se o fosse
: o amor
esse
este
estaria contido
todo
inteiro
naquele / neste
poema?

MÍNIMA GRAMÁTICA

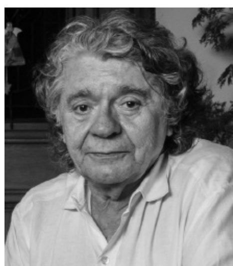
i
Salsaparrilha e salseiro,
substantivos ocultos
sob o disfarce de uma falsa raiz,
tão claros quando tocados pelo sal da terra.

ii
Faz tempo que não visito
meus pretéritos imperfeitos,
pretéritos tão bem
— tudo porque não se perdoa
para continuar.
Comigo estão,
entrementes,
meus pretéritos perfeitos
e não mos levarão quaisquer ladrões.
Que ladrões os há físicos
e subjetivos.

iii
Inevitáveis, terríveis adjetivos
— às vezes vãos,
  às vezes vêm —,
imponderáveis, pois,
que medi-los é melhor ocultá-los.

Mas um concreto mas
insiste
e só me dou por vencido
quando paro de escrever
e coloco um ponto final,
ponto final ponto.

O AUTOR



O jornalista paranaense Antonio Romane, que vive há décadas em São Paulo, é também poeta. Publicou *Alenterra*, 1977; *Certas pessoas e outra gente*, 1980; *Espelho absoluto*, 1992, e *Hierofanias*, 1994. Poesia para crianças: *Coleção de slides*, 1987, e *Noite transfigurada*, 2004. Álbum collage: *Um começo para Catrina & Aristeu*, 2002. Participou ainda de várias antologias e traduziu, entre outros, Jacques Derrida.

Foi editor de *O escritor*, jornal da União Brasileira de Escritores, das revistas *Pau Brasil* e *Bio,* pioneiras em questões ambientais, e do jornal partidário *Voz da Unidade*.

ELOGIO DA POESIA(*)

Este livrinho é da lavra de um poeta quase menor, semibissexto, pouca gente lê, a imprensa não toma conhecimento, a crítica não tem tempo a perder. O autor pertence a essa marginália que ainda acha Marx um autor importante. Pior, Romane é um brasileiro que quer conhecer a sua língua, o seu dialeto. Mais grave: não desconhece a revolução técnico-científica, a política e as questões urbanas. Não contente, ele deixa implícito em seu texto que a pesquisa formal é necessária, mas não absoluta.

Tudo isso quer dizer que o poeta quase maior, meio bissexto, está na contramão da história? Se pensarmos nessa história pré-histórica, sim, com certeza. Quem ler, verá: o poeta é da estirpe dos que, nesta outra marginalidade, sabem que a ironia já é autoironia e metaironia. Donde se conclui que, se orelha é para o elogio, que seja o elogio desta outra quase loucura.

Luís Avelima

(*) Orelha da primeira edição, 1992